



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

DOUGLAS OLIVEIRA DA SILVA

A JORNADA DE FRODO EM *O SENHOR DOS ANÉIS*: UMA LEITURA  
ARQUETÍPICA

Campina Grande – PB  
Junho de 2018

DOUGLAS OLIVEIRA DA SILVA

A JORNADA DE FRODO EM *O SENHOR DOS ANÉIS*: UMA LEITURA  
ARQUETÍPICA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para  
obtenção do título de Graduado no  
Curso de Licenciatura em Letras-  
Inglês pela UEPB, sob a orientação:  
Prof. Me. Valécio Irineu Barros.

Campina Grande – PB  
Junho de 2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586j Silva, Douglas Oliveira da.  
A jornada de Frodo em senhor dos anéis [manuscrito] :  
uma leitura arquetipica / Douglas Oliveira da Silva. - 2018.  
28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras  
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Educação, 2018.

"Orientação : Prof. Me. Valécio Irineu Barros, Coordenação  
do Curso de Letras Inglês - CEDUC."

1. Arquétipos heroicos. 2. Monomito. 3. Narratologia.

21. ed. CDD 808.3

DOUGLAS OLIVEIRA DA SILVA

A JORNADA DE FRODO EM *O SENHOR DOS ANÉIS*: UMA LEITURA  
ARQUETÍPICA

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para obtenção  
do título de Graduado no Curso de  
Licenciatura em Letras - Inglês pela UEPB

Aprovado em: 08/06/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

Valécio Irineu Barros 10,0  
Prof. Me. Valécio Irineu Barros (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Joselito Porto de Lucena 10,0  
Prof. Me. Joselito Porto de Lucena (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Thiago Rodrigo de Almeida Cunha 10,0  
Prof. Me. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha (Examinador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## **AGRADECIMENTOS**

A meus entes queridos, em especial minhas duas mães Marivane Santos que lutou para que eu pudesse ser o homem que eu sou hoje e a Núbia Jean por ter me incentivado de todas as maneiras em minha caminhada acadêmica, eu amo vocês!

A meu irmão pelo apoio e compartilhamento de sonhos.

A meu orientador, por ter me apresentado a jornada do herói e por ter contribuído na minha paixão pela literatura, meu muito obrigado.

Aos meus professores da banca por fazer parte desse dia, obrigado.

A minha namorada Letícia Mendonça pela paciência e apoio, muito obrigado!

A todos os meus colegas e amigos que contribuíram para meu crescimento, direta ou indiretamente, meu muito obrigado.

“As aventuras nunca acabam? Acho que não. Outra pessoa sempre tem de continuar a história.” (TOLKIEN, 2001, p. 21)

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>06</b>
<b>2</b>	<b>DESENVOLVIMENTO .....</b>	<b>07</b>
<b>2.1</b>	<b>Tolkien e o Senhor dos Anéis.....</b>	<b>07</b>
<b>2.2</b>	<b>Concepção de herói .....</b>	<b>08</b>
<b>2.3</b>	<b>Jornada do herói ou monomito .....</b>	<b>10</b>
<b>2.3.1</b>	<b><i>Mundo comum .....</i></b>	<b>12</b>
<b>2.3.2</b>	<b><i>Chamado a aventura .....</i></b>	<b>12</b>
<b>2.3.1</b>	<b><i>A recusa do chamado .....</i></b>	<b>14</b>
<b>2.3.4</b>	<b><i>Encontro com o mentor.....</i></b>	<b>15</b>
<b>2.3.5</b>	<b><i>O guardião do limiar.....</i></b>	<b>16</b>
<b>2.3.6</b>	<b><i>Provas, aliados e inimigos.....</i></b>	<b>17</b>
<b>2.3.7</b>	<b><i>A aproximação da caverna secreta .....</i></b>	<b>19</b>
<b>2.3.8</b>	<b><i>Provação.....</i></b>	<b>20</b>
<b>2.3.9</b>	<b><i>Recompensa.....</i></b>	<b>22</b>
<b>2.3.10</b>	<b><i>O caminho de volta.....</i></b>	<b>22</b>
<b>2.3.11</b>	<b><i>Ressureição.....</i></b>	<b>25</b>
<b>2.3.12</b>	<b><i>Liberdade para Viver.....</i></b>	<b>26</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>27</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>28</b>

## A JORNADA DE FRODO EM *O SENHOR DOS ANÉIS*: UMA LEITURA ARQUETÍPICA

Douglas Oliveira da Silva<sup>[1]</sup>

### RESUMO

Os arquétipos heroicos vêm se perpetuando na nossa cultura desde muito antes do advento da escrita. O presente artigo utiliza esta base arquetípica, através da teoria da jornada do herói desenvolvida por Joseph Campbell (2007) e Christopher Vogler (2015), bem como as contribuições de autores como Kothe (1987) e Feijó (1984) sobre a figura do herói, para analisar, através de uma pesquisa bibliográfica, a jornada do personagem Frodo no romance *O Senhor dos Anéis*.

**Palavras-Chave:** Tolkien. Arquétipo. Herói. Frodo.

### 1. INTRODUÇÃO

A teoria da jornada do herói é utilizada para descrever os padrões existentes em todas as histórias, sejam elas contos de fadas ou mitos e até mesmo obras literárias mais recentes e/ou contemporâneas. Joseph Campbell (2007), a partir de suas vastas pesquisas mitológicas e históricas e com base em conceitos junguianos<sup>[2]</sup>, como o de arquétipo, chegou à conclusão de que todas as histórias parecem seguir um mesmo padrão, como, por exemplo, a história de Prometeu, a de Gautama Buddha e a de Jesus Cristo. Tais personagens seguem um mesmo esquema de jornada, fazendo-nos pensar que a humanidade vem contando a mesma história.

J. R. R. Tolkien – doutor em literatura inglesa e filólogo, considerado por vários estudiosos como “mestre da fantasia moderna” – foi um dos muitos autores a utilizar-se da figura heroica em suas obras, entre elas *O Senhor dos Anéis*, escrito em 1952, que traz como protagonista Frodo, um hobbit<sup>[3]</sup> que nunca havia participado de uma aventura. Tolkien foi um divisor de águas e um dos autores mais influentes do século XX, sendo, até hoje, fonte de influência e inspiração para muitas áreas como, por exemplo, a poesia, a música, o cinema e até mesmo os jogos de RPG.

---

<sup>[1]</sup> Aluno de Graduação em Letras – Inglês na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
E-mail: iamdouglasoliveira@outlook.com

<sup>[2]</sup> Que segue os métodos e conceitos de Carl Gustav Jung, psicólogo e psiquiatra suíço, fundador da Escola de Psicologia Analítica.

<sup>[3]</sup> No universo ficcional de Tolkien, um povo pequeno, com metade da altura da “raça dos homens”, e com pés peludos.

Este artigo busca identificar se a trajetória da personagem Frodo condiz com as etapas do ciclo da jornada do herói, conforme estabelecidas por Campbell (2007), levando em conta, ainda, a contribuição de Vogler (2015) que desenvolveu sua própria definição da jornada e modernizou cada etapa – baseando-se em exemplos de histórias cinematográficas de grande bilheteria. Para tanto, será considerada a jornada percorrida na trilogia *O Senhor dos Anéis – Sociedade do Anel, As Duas Torres e O Retorno do Rei*.

Nesse sentido, tentaremos verificar se as seguintes etapas são contempladas: 1) Mundo Comum; 2) Chamado à Aventura; 3) Recusa do Chamado; 4) Encontro com o Mentor; 5) Travessia do Primeiro Limiar; 6) Provas, Aliados e Inimigos; 7) Aproximação da Caverna Secreta; 8) Provação; 9) Recompensa; 10) O Caminho de Volta; 11) Ressurreição e 12) Liberdade para Viver, bem como que sentido elas assumem na narrativa de Frodo.

Adotando uma pesquisa de base bibliográfica e exploratória, esse trabalho ressalta a importância do estudo e do entendimento, em meio acadêmico, da figura do herói nas nossas vidas e na literatura universal, percebendo a infinita contribuição deste arquétipo para a nossa formação como pessoas.

## **2. DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 Tolkien e o Senhor dos Anéis**

Pretendemos nessa seção apresentar o livro que será analisado, como estudo para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Segundo Michael White (2016), John Ronald Reuel Tolkien foi Doutor em Língua Inglesa, principalmente em Língua Inglesa Antiga, Filólogo – estudioso de textos antigos que procura entender como se organizava determinada cultura através da língua – e escritor. Trabalhou como professor na Universidade de Oxford, tendo participado da criação do primeiro Dicionário Oxford. Como se pode ver, Tolkien tinha grande erudição e é considerado por muitos o “senhor da fantasia moderna”.

Como surgiu a Terra-Média e conseqüentemente *O Senhor dos Anéis*? Sentado em uma mesa corrigindo provas, Tolkien escreve em um pedaço de papel. “Em uma toca no chão vivia um hobbit...”, com essa frase Tolkien cria a Mitologia da Terra-

Média nas suas obras mais importante, *O Hobbit, O Senhor dos Anéis e O Silmarillion*.

A trilogia *O Senhor dos Anéis* começou a ser escrita por J. R. R. Tolkien em 1952, quando ele escreveu o primeiro livro *A Sociedade do Anel*. Nessa primeira parte, Frodo, personagem central — assim como acontecera com Bildo, protagonista de *O Hobbit* — descobre que está de posse do “Um Anel”, o qual contém uma parte considerável do poder de Sauron, o segundo Senhor do Escuro. Em sua jornada, após a formação da Sociedade do Anel, Frodo parte rumo à Mordor, a fim de destruir o “Um Anel”, no local onde o mesmo fora forjado.

*As Duas Torres* – segundo livro que faz parte da trilogia, também foi escrito em 1952. Depois do esfacelamento da Sociedade do Anel, Frodo segue sua jornada para destruição do “Um Anel”, enquanto o restante de seus amigos, que faziam parte da Sociedade juntamente com ele, tentam de alguma forma persuadir a resistência para ir contra as forças do temido Sauron.

Em *O Retorno do Rei*, terceiro e último livro dessa trilogia épica, escrito em 1955, temos a conclusão da história de *O Senhor dos Anéis*. Frodo, juntamente com seu amigo Sam, tenta chegar à “Montanha da Perdição” para destruir o “Um Anel” em suas chamas, enquanto Aragorn ganha tempo para que Frodo consiga o que almeja, assim determinando a vitória contra Sauron e suas forças das trevas.

Tolkien não imaginava em vida quão importante sua obra seria para o século XX. Além das adaptações cinematográficas de grande bilheteria, a grande influência que, enquanto autor, exerceria nessa nova cultura e suas obras de literatura fantástica.

## 2.2 Concepção de herói

Desde os alicerces das civilizações antigas até as mais atuais, a representação da figura heroica se destaca como uma verdade para povos de diferentes culturas. Nascido através dos mitos, como por exemplo (Hércules, Aquiles, Heitor, Perseu, Gilgamesh, Joana D’arc etc.) o herói é um protagonista de histórias reais ou não. Pode ser fruto da relação de uma divindade com um humano, o que gera um semideus. Representado em aventuras épicas ou pela necessidade que tem a sociedade de projetar e registrar seus ideais, esses heróis realizam, simbolicamente, desejos coletivos.

Joseph Campbell define o herói nos seguintes termos:

...o herói, por conseguinte, é o homem ou mulher que conseguiu vencer suas limitações históricas pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas. As visões, ideias e inspirações da vida e do pensamento humanos. Eis por que falam com eloquência, não da sociedade e da psique atuais, em estado de desintegração, mas da fonte inesgotável por intermédio da qual a sociedade renasce. O herói morreu como homem moderno; mas, como homem eterno — aperfeiçoado, não específico e universal —, renasceu. Sua segunda e solene tarefa e façanhaé, por conseguinte (como o declara Toynbee e como o indicam todas as mitologias da humanidade), retornar ao nosso meio, transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que aprendeu” (2007, p. 28)

Como as etapas da jornada nos ensina, o herói é levado a um mundo desconhecido, passa por provações e, ao fim, traz consigo o ‘elixir’ (o prêmio, o velocino de ouro), para ensinar a sociedade à qual pertence, sempre transfigurado e renovado.

Ainda sobre o herói, Vogler (2015) afirma que a palavra ‘herói’ surgiu do grego e significa “proteger e servir”. O herói é uma pessoa capaz de auto sacrifício para o bem de outras pessoas, possuindo pensamentos altruístas, corajosos e morais. Em termos psicológicos:

o arquétipo do herói representa o que Freud chamou de ego – a parte da personalidade que se separa da mãe, que se considera distinto do restante da humanidade. Em última instância, o Herói é aquele que pode transcender as fronteiras e ilusões do ego, embora, a principio, o Herói seja completamente ego: o eu, o escolhido, aquela identidade pessoal que se considera à parte do restante do grupo. A jornada de muitos Heróis é a história dessa separação da família ou da tribo, equivalente ao sentimento de separação da mãe que tem uma criança (VOGLER, 2015, p. 67-68).

Sendo assim, o herói é aquela pessoa que consegue transcender as limitações e ilusões do ego, representando a eterna busca pela identidade e totalidade do ego. Tornando-nos um ser completo e único.

De acordo com Feijó (1984), o herói vem sendo uma das figuras mais típicas e reproduzidas em toda a história. Em toda sociedade há um herói, o qual representa suas virtudes. Assim, a cada época o modo como os heróis são representados muda a fim de melhor refleti-la. Mas, o mesmo não perde o seu significado único que é a descoberta de si mesmo: "na mitologia, o herói é divino. Na poesia épica ele é unidade de sentimento

e ação. Na história é separado da realidade. Na literatura, o destino do herói é a sua iniciação: a descoberta de si mesmo". (FEIJÓ, 1984, p. 62). O herói necessita dessa descoberta para se encontrar, para encontrar propósito de sua existência.

Kothe (1987), em seu livro *O Herói*, analisa essa figura, mostrando como exemplo várias obras literárias. Desde as histórias da mitologia, bíblicas e até histórias clássicas e modernas, sempre focalizando o herói como a dominante do sistema. Isso porque, de acordo com Kothe (1987), as narrativas são sistemas que dependem de suas dominantes e, na maioria das vezes, essa “dominante” é algum tipo de herói. O sistema é um conjunto de componentes entre si e exímio do seu meio, ou seja, o sistema é o meio social em que o herói está imerso, sendo assim, o herói é o portador de todas as características que identificam esse sistema.

Se todas as civilizações conhecidas da história foram civilizações formadas por classes, portanto, podemos ver a consequência dessa formação nas suas obras narrativas. “Se as obras literárias são sistemas que reproduzem em miniatura o sistema social, o herói é a dominante que ilumina estrategicamente a identidade de tal sistema” (KOTHE, 1987, p. 8) Portanto, o herói tem uma visão distinta para cada época da história, visto como um salvador da civilização, eles costumam apresentar as características dessa.

O percurso arquetípico do herói está presente em toda literatura ocidental. Estudá-lo nos possibilita enxergar as várias maneiras de como a sociedade visualiza essa figura simbólica e as características que cada uma a ele agrega. Dos heróis clássicos aos heróis modernos, é perceptível a necessidade de se ter essa figura, que pode ser de classe “alta” ou de classe “baixa”, para servir como veículo de valores sociais. Sobre esse ponto, afirma Kothe: “Haver uma classe ‘alta’ e uma classe ‘baixa’ se reflete de modo fundamental e necessário na literatura, tanto no modo de ser dos personagens e enredos, quanto na hierarquia dos gêneros e das obras” (1987, p. 6). O mesmo autor considera que é preciso levar em conta essa divisão de classes, para se ter a noção de como o herói é construído em cada época da história.

O estudo do herói é um modo estratégico de se estudar a dominante das narrativas, literárias e não-literárias, artísticas e triviais, possibilitando superar a contradição entre análise formal e análise sociológica, entre abordagem imanente e abordagem extrínseca da obra. (KOTHE, 1987, p. 89)

### 2.3 Jornada do herói ou monomito

De acordo com Joseph Campbell (2007), a jornada do herói ou monomito é um “caminho”, uma sequência de “passos” e uma “transformação”, que todo herói costuma vivenciar. Nesse sentido, a jornada do herói é, acima de tudo, um “padrão” que está presente em todas as histórias, lendas e mitos do mundo, do princípio até nos nossos dias. Sobre essa permanência, Vogler diz: “[a] jornada do herói é um conjunto incrivelmente tenaz de elementos que brota incessantemente dos rincões mais profundos da mente humana; diferente em detalhes para cada cultura, mas fundamentalmente o mesmo” (2015, p. 42).

Todavia, esse “padrão” pode apresentar-se de várias maneiras, já que os meios como acontece essa apresentação são virtualmente infinitos. Embora a aventura de cada herói seja moldada por suas próprias características, seu contexto e suas ações, segundo Campbell, “[o] percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma magnificação da fórmula representada nos rituais de passagem: *separação-iniciação-retorno* – que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito” (2007, p. 36).

Ainda de acordo com ele, a aventura do herói segue o padrão descrito acima, um afastamento para um mundo desconhecido, onde o herói penetra em alguma fonte de poder e tem um retorno enriquecedor para a vida.

Essa separação acontece quando o herói abandona seu cotidiano e passa a se aventurar em alguma terra desconhecida, onde ele deixa tudo para trás, em busca de algo novo, inesperado e cheio de mistérios. A iniciação dar-se depois que o herói adentra o “Mundo Especial”, enfrentando tudo aquilo que a ele é apresentado de maneira direta ou indireta. O retorno ocorre após toda a jornada que o herói se impôs, quando ele volta para a sua terra natal, depois de várias provações e traz consigo o “Elixir”.

O padrão mitológico do herói é apresentado da seguinte forma, embora ele possua variações *ad infinitum*: 1. Mundo Comum; 2. Chamado à Aventura; 3. Recusa do Chamado; 4. Encontro com o Mentor; 5. Travessia do Primeiro Limiar; 6. Testes, Aliados e Inimigos; 7. Aproximação da Caverna Oculta; 8. Provação; 9. Recompensa (Apanhando a Espada); 10. Caminho de Volta; 11. Ressureição e 12. Liberdade para Viver.

No decorrer deste trabalho pretendo explanar todos esses 12 estágios a fim de apresentar como são fundamentados.

### 2.3.1 Mundo comum

“Um herói vindo do mundo cotidiano...” (2007, p. 36). Essas palavras de Campbell nos apresenta o contraste em que o herói se concentra, pois, “o efeito da aventura bem-sucedida do herói é a abertura e a liberação do fluxo de vida no corpo do mundo” (p. 43). O herói vive em seu cotidiano, onde está habituado com sua rotina diária. É o lugar onde ele cresceu e ele está acostumado com sua normalidade. Sua cultura, seus costumes e tudo o que o cerca serve para mostrar seu mundo.

De acordo com Vogler (2015, p. 138-139), O mundo comum é composto de um contexto, uma base e todo o histórico do herói. Geralmente, o mundo do herói é tedioso e calmo, contendo as sementes da aventura e do desafio em potencial, as quais já se encontram presente nele, esperando apenas ser descobertas.

Em *O Senhor dos Anéis*, esse Mundo Comum é representado pelo Condado, onde Frodo mora com seu Tio Bilbo. É um local que já fora mencionado em *O Hobbit*, em que se faz uma pequena descrição do Condado.

Segundo Tolkien (2001), o Condado é uma colina com vários túneis e toca-hobbits, construídas abaixo do chão, com portas redondas que encobriam um vasto território. Suas tocas eram extremamente confortáveis e respeitadas. Tinham uma preferência por janelas e portas redondas, ações de suma importância para a arquitetura hobbit. No Condado moram os hobbits “são um povo pequeno, menores que os anões: menos robustos e troncados, quer dizer, mesmo que na realidade não sejam muito mais baixos”.<sup>[4]</sup> Possuem os pés peludos e estatura média de 60 centímetros a 1 metro e 20 centímetros.

### 2.3.2 Chamado à aventura

Uma vez apresentado o herói em seu mundo comum, surge um novo estágio: O ‘chamado à aventura’, o qual se apresenta de uma maneira inesperada. O herói se encontra em sua vida pacata, o cotidiano que ele considera normal, quando, como num

---

<sup>4</sup> Tolkien, 2001, p. 2

passa de mágica, o convite para a "jornada do herói" bate à sua porta, representando “o despertar do eu”. Como explica Joseph Campbell:

Esse primeiro estágio da jornada mitológica – que denominamos aqui “o chamado da aventura” – significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representada sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas, a parte superior do céu, uma ilha secreta, o topo de uma elevada montanha ou um profundo estado onírico. Mas sempre é um lugar habitado por seres estranhamente fluidos e polimorfos, tormentos inimagináveis, façanhas sobre-humanas e delícias impossíveis [...] o herói pode estar simplesmente caminhando a esmo, quando algum fenômeno passageiro atrai seu olhar errante e o leva para longe dos caminhos comuns do homem. (2007, p. 66)

Geralmente o chamado se dá através de um *Mentor*, que lhe faz uma proposta. Podendo também acontecer por meio de uma situação ou até mesmo uma carta<sup>5</sup>. "O Chamado à Aventura estabelece as regras do jogo e deixa claro o objetivo do herói: conquistar o tesouro ou o amor, vingar-se ou corrigir um erro, realizar um sonho, enfrentar um desafio ou mudar uma vida" (VOGLER, 2015, p. 49).

Depois de muito tempo após a partida de Bilbo, Frodo passou muitos anos tendo notícias de Gandalf que, preocupado com Frodo, lhe fazia periódicas visitas. Após um longo tempo sem aparecer, Gandalf ressurgiu como sempre sem avisar e revela que o anel que Frodo herdou de Bilbo, na verdade é o Um Anel de Sauron. “.... Este é o Anel-Mestre, o Um Anel para todos governar. Este é o Um Anel que ele perdeu há muito tempo, o que causou um grande enfraquecimento de seu poder. Ele o deseja muito – mas não deve obtê-lo” (TOLKIEN, 2001, p. 52). Esse fato deflagra a aventura, pois a tarefa que Frodo agora tem é destruir o anel, no mesmo lugar em que o mesmo foi forjado, ou seja, na Montanha da Perdição nas Terras de Mordor.

Nesse estágio da aventura pode acontecer demais “chamados” que são desdobramentos do primeiro para confirmar o compromisso do herói com seu novo empreendimento. Sobre esse ponto, não há muita diferença na aventura de Frodo, ele recebe outro chamado à aventura no Conselho de Elrond, depois de decidirem destruir o Um Anel na Montanha da Perdição é perguntado quem irá carregar esse fardo e, para a

---

<sup>5</sup> Como em *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

surpresa de todos, Frodo levanta-se e aceita a missão. Como podemos ver na seguinte citação:

“Frodo olhou para todos os rostos, mas eles não estavam voltados para ele. Todo o Conselho se sentava com os olhos para baixo, pensando profundamente. Um grande pavor o dominou, como se estivesse aguardando o pronunciamento de alguma sentença que ele tinha previsto havia muito tempo, e esperado em vão que afinal de contas nunca fosse pronunciada. Um desejo incontrolável de descansar e permanecer em paz ao lado de Bilbo em Valfenda encheu-lhe o coração. Finalmente, com um esforço, falou, e ficou surpreso ao ouvir as próprias palavras, como se alguma outra vontade estivesse usando sua pequena voz.

- Levarei o Anel - disse ele. - Embora não conheça o caminho.” (TOLKIEN, 2001, p. 281)

Conforme Vogler (2015, p. 159) nos diz, muitas histórias trabalham em vários níveis, podendo ter, portanto, mais de um chamado à aventura. É o que acontece com Frodo, confirmando mais uma vez a necessidade de mudança por parte do herói, uma transformação de seu ‘eu’ interior.

### **2.3.3 A recusa do chamado**

O estágio da ‘recusa do chamado’ se dá através da decisão de não aceitar o “chamado à aventura” ou, pelo menos, de hesitar em fazê-lo. Sabemos que Frodo aceita duas vezes a sua missão, mas todo herói possui uma relutância em prosseguir na aventura, como exemplifica Campbell:

Com frequência, na vida real, e com não menos frequência, nos mitos e contos populares, encontramos o triste caso do chamado que não obtém resposta; pois sempre é possível desviar a atenção para outros interesses. A recusa à convocação converte a aventura em sua contraparte negativa. Aprisionado pelo tédio, pelo trabalho duro ou pela “cultura”, o sujeito perde o poder da ação afirmativa dotada de significado e se transforma numa vítima a ser salva. Seu mundo florescente torna-se um deserto cheio de pedras e sua vida dá uma impressão de falta de sentido. (2007, p. 66-67).

Na hora de partir, Frodo teve um momento de reflexão, como esclarece Tolkien (2001), “para falar a verdade, Frodo relutava em partir, agora que o momento chegara. Bolsão parecia uma residência muito mais desejável do que fora por muitos anos, ele

desejava aproveitar ao máximo o seu último verão no Condado.” (2001, p. 67).

Como ficou claro anteriormente, na aventura de Frodo não há uma ‘recusa’, a hesitação se deve ao fato de que ele pensou não à altura tarefa que lhe foi confiada. Por seu tamanho e fragilidade sentiu-se enfraquecido. Sobre o sentido dessa hesitação, Vogler ensina que “a pausa para ponderar as consequências transforma o compromisso com a aventura numa escolha real na qual o herói, após esse período de hesitação ou recusa, tomará coragem para arriscar a vida frente à possibilidade de alcançar a meta” (2015, p. 164).

### 2.3.4 Encontro com o mentor

Campbell (2007, p. 74), explana esse estágio como ‘o auxílio sobrenatural’, ele nos diz que para aqueles que não tiveram a recusa do chamado, o primeiro encontro durante a jornada se dá com uma figura protetora, sendo uma anciã ou ancião, que fornece ao aventureiro uma gama de ‘amuletos’, os quais irão protegê-lo dos perigos à sua frente.

A representação dessa figura protetora ocorre através de Gandalf, que desde a aventura com Bilbo em *O Hobbit*, está sempre visitando o Condado, pois é simpatizante dos pequeninos. Gandalf é um ‘*Istari*’, que na língua élfica que dizer ‘Mago’, sendo assim um ser protetor, que obtém sabedoria, para guiar o herói nesse empreendimento. Os ‘*Istari*’— Gandalf, Saruman e Radagast— foram enviados para combater a maldade de Sauron, como vemos no trecho do livro *O Silmarillion*, “exatamente quando as primeiras sombras foram percebidas na Floresta das Trevas, sugeriram no Oeste da Terra-média os *istari*, que os homens chamavam de Magos” (TOLKIEN, 2012, p. 381-382). Ao lado de Gandalf, Frodo sente-se seguro, confiante, senhor de si mesmo, pois segundo Vogler (2015, p 177), os deuses se comunicam com os heróis através de outras pessoas e, mesmo que seja temporariamente, elas ficam plenas do espírito divino.

‘O auxílio sobrenatural’ pode também agir como a ‘consciência’ do herói, guiando-o quando o mesmo não souber mais o caminho ao qual percorrer. Campbell mostra-nos isso:

Essa figura representa o poder benigno e protetor do destino[...] o poder protetor está, para todo o sempre, presente ao santuário do coração, e até imanente aos elementos não familiares do mundo, ou apenas por trás deles. Basta saber e confiar, e os guardiões

intemporais surgirão. Tendo respondido ao seu próprio chamado e prosseguindo corajosamente conforme se desenrolam as consequências, o herói encontra todas as forças do inconsciente do seu lado. (2007, p. 76)

Vogler apresenta também uma forma semelhante da ideia de consciência por parte do Arauto sobre o herói, segundo ele “os mentores nas histórias agem principalmente na mente do herói, mudando sua consciência ou redirecionando sua vontade [...] os mentores também fortalecem a mente do herói para enfrentar a provação com confiança” (2015, p. 177).

### 2.3.5 O guardião do limiar

No caso da narrativa sob análise, ‘A passagem pelo primeiro limiar’ é representada por Valfenda, casa do então ‘Guardião do Limiar’, Elrond, meio-elfo. A passagem pelo limiar apresenta o verdadeiro comprometimento do herói com a continuação da aventura, já que essa “pequena parada” serve para o herói repor suas forças físicas e mentais:

Tendo as personificações do seu destino a ajudá-lo e a guiá-lo, o herói segue em sua aventura até chegar ao “guardião do limiar”, na porta que leva à área da força ampliada. Esses defensores guardam o mundo nas quatro direções — assim como em cima e embaixo —, marcando os limites da esfera ou horizonte de vida presente do herói. [...] A pessoa comum está mais do que contente, tem até orgulho, em permanecer no interior dos limites indicados, e a crença popular lhe dá todas as razões para temer tanto o primeiro passo na direção do inexplorado. (CAMPBELL, 2007, p. 82).

Após sua partida do Condado, até sua chegada em Valfenda, Frodo enfrenta alguns perigos, o maior deles até agora tinham sido os ‘Cavaleiros Negros’ — espectros do anel —, depois da perseguição, durante a qual desmaia, Frodo acorda em Valfenda, “Onde estou, e que horas são? — disse ele em voz alta para o teto. “Na casa de Elrond, e são dez da manhã” — disse uma voz”. (TOLKIEN, 2001, p. 227).

Como já foi exemplificado anteriormente, é nesse estágio que acontece o ‘Conselho de Elrond’, seguido da aceitação de Frodo em continuar sendo o portador do anel. Decidido a ir em frente, Frodo recebe “artifícios mágicos” de Bilbo que serão de grande valia para prosseguir com sua aventura em destruir o Um Anel. Bilbo lhe entrega

“Ferroada” a espada que ele encontrara na gruta dos ogros e que usou na sua própria aventura; também lhe entregou o ‘Elmo de Mitbril’, que ganhara como parte de seu pagamento ao ajudar os anões a recuperar seu lar, A Montanha Solitária. Com suas forças restauradas e sua fé revitalizada, Frodo juntamente com os demais integrantes da ‘Sociedade do Anel’, volta novamente para sua missão rumo à Montanha da Perdição, nas terras de Mordor.

Discorrendo sobre a travessia do limiar, Campbell ensina:

A aventura é, sempre e em todos os lugares, uma passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido; as forças que vigiam no limiar são perigosas e lidar com elas envolve riscos; e, no entanto, todos os que tenham competência e coragem verão o perigo desaparecer. (2007, p. 85).

É nesse momento que Frodo tem que, novamente, encerrar os seus desafios e se movimentar na estrada contínua da jornada do herói, demonstrando coragem. Segundo Vogler, “essa coragem especial é chamada de salto da fé[...]O salto é feito com fé, a confiança de que aterrissaremos com segurança de alguma forma” (2015, p. 189). Portanto, Frodo com seu auxílio sobrenatural, Gandalf, e com a comitiva da Sociedade do Anel parte para dar seguimento à jornada.

### **2.3.6 Provas, aliados e inimigos**

Campbell chama essa parte da jornada do herói de “O ventre da baleia”, sobre o qual diz:

à ideia de que a passagem do limiar mágico é uma passagem para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem mundial do útero, ou ventre da baleia. O herói, em lugar de conquistar ou aplacar a força do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão de que morreu. (2007, p. 91)

No mundo fictício de Tolkien, esse desconhecido é representado por Moria, que foi o mais grandioso Reino dos Anões na Terra-Média. Guiados por Gandalf, Frodo e a comitiva do anel adentram as profundezas de Moria.

Explicando a etapa de provas, Vogler ensina que:

As provas também podem ser incorporadas à arquitetura ou à paisagem do Mundo Especial. Esse mundo em geral é dominado por um vilão ou por uma Sombra, que terá o cuidado de cercá-lo com armadilhas, barricadas e postos de controle. É comum que os heróis caiam em armadilhas ou tropecem nos alarmes de segurança da Sombra. Como o herói vai lidar com essas armadilhas é parte das provas. (2015, p. 195)

Na jornada de Frodo, essas armadilhas são encarnadas em um balrog, um ser que originalmente era um Maiar, da mesma raça de Gandalf e de Sauron, eram seguidores de Morgoth, primeiro Senhor do Escuro e, na terceira Era da Terra-Média, serviam a Sauron, Senhor das Terras de Mordor.

Campbell associa “o ventre da baleia” ao interior de um templo iniciático, como podemos ver na citação a seguir:

Esse motivo popular enfatiza a lição de que a passagem do limiar constitui uma forma de auto aniquilação. [...] Em lugar de passar para fora, para além dos limites do mundo visível, o herói vai para dentro, para nascer de novo. O desaparecimento corresponde à entrada do fiel no templo – onde ele será revivificado pela lembrança de quem e do que é, isto é, pó e cinzas, exceto se for imortal. O interior do templo, ou ventre da baleia, e a terra celeste, que se encontra além, acima e abaixo dos limites do mundo, são uma só e mesma coisa. (2007, p. 92)

Frodo passará por uma das maiores provações que a jornada pode ocasionar: a ausência de seu auxiliar sobrenatural. Ao passarem pelas ruínas de Moria, ele e os demais membros da comitiva acabam acordando um balrog, já citado acima. Este acabará caindo nas profundezas sem fim de Moria, quando a comitiva tenta escapar, levando consigo Gandalf:

...o balrog caiu para a frente, e sua sombra mergulhou na escuridão, desaparecendo. Mas no momento em que caía brandiu o chicote, e as correias bateram e se enrolaram em volta dos joelhos do mago, arrastando-o para a borda. Ele perdeu o equilíbrio e caiu, agarrando-se em vão à pedra, e escorregou para dentro do abismo — Fugam seus tolos! — Gritou ele, e desapareceu” (TOLKIEN, 2001, p. 344)

Deixando Frodo “sem chão”, pois todas as suas esperanças se vão com a suposta morte de seu mentor. Essa perda representa a mudança interior do herói que, a partir de agora, terá que seguir sua provação sem os conselhos de seu mentor. Saindo de Moria e

partindo em direção à Floresta de Lothlórien é que Frodo vivencia ‘O encontro com a deusa’, que Campbell descreve nos seguintes termos:

A mulher representa, na linguagem pictórica da mitologia, a totalidade do que pode ser conhecido. O herói é aquele que aprende. À medida que ele progride, na lenta iniciação que é a vida, a forma da deusa passa, aos seus olhos, por uma série de transfigurações: ela jamais pode ser maior que ele, embora sempre seja capaz de prometer mais do que ele já é capaz de compreender. Ela o atrai e guia e lhe pede que rompa os grilhões que o prendem. E se ele puder alcançá-la a importância, os dois, o sujeito do conhecimento e o seu objetivo, serão libertados de todas as limitações. A mulher é o guia para o sublime auge da aventura sensual. Vista por olhos inferiores, é reduzida a condições inferiores; pelo olho mau da ignorância, é condenada à banalidade e à feiura. Mas é redimida pelos olhos da compreensão. O herói que puder considerá-la tal como ela é, sem comoção indevida, mas com a gentileza e a segurança que ela requer, traz em si o potencial do rei, do deus encarnado, do seu mundo criado. (2007, p. 117)

No caso de Frodo, esse encontro se dá quando ele conhece Galadriel, A Senhora Protetora de Lothlórien, que encarna a deusa descrita acima. Frodo fica tentado a entregar-lhe o Um Anel e desistir da sua missão, pois sentia-se ‘pequeno’ demais frente a tamanho poder, beleza e conhecimento por parte da Deusa. *“A Senhora Galadriel é sábia, destemida e bela — disse Frodo. Dar-lhe-ei o Um Anel se assim o desejar. Esse peso é demais para mim”* (TOLKIEN, 2001, p. 381). Porém, Galadriel recusa-se a tomar posse do Um Anel, deixando novamente a cargo do herói a destruição do mesmo. É nesse momento que Frodo tem as esperanças renovadas, o descanso merecido, e que ganhará o maior dos presentes até então: ‘A Benção Última’. Campbell assim descreve essa dádiva especial: “Essa miraculosa energia-substância, e só ela, é o Imperecível; os nomes e formas das divindades que, em todos os lugares, a encarnam distribuem e representam, vem e vão” (2007, p. 169). É o presente divino fornecido pela Deusa, um símbolo dos deuses que permitirá que o herói termine sua missão. “Seus guardiães só ousam liberá-la para aqueles que verdadeiramente se mostrarem dignos dela” (loc. cit.). A Senhora de Lothlórien, vê em Frodo, o coração de um ‘rei’ puro e sem ambições. Segundo Tolkien (2001, p. 393), Galadriel dá ao herói o Frasco que contém a luz da Estrela de Earendil, fornecendo uma “arma poderosa” para Frodo durante sua jornada, de modo que ele possa iluminar os lugares escuros, mesmo quando todas as luzes pareçam se apagar.

A partir de agora, Frodo retorna a sua missão e é nesse instante que acontece o

rompimento da Sociedade do Anel. O herói resolve partir, deixando para trás todos os seus aliados até então. Nesse momento, Boromir fica tentado a usurpar o Um Anel de Frodo, para assim usá-lo para vencer a guerra contra Sauron. Aqui vemos o Um Anel mudando a consciência de Boromir contra seu aliado e amigo, mostrando o tamanho do fardo que o nosso herói precisa carregar. Para a etapa final da jornada, Frodo parte com seu fiel “escudeiro”, Sam.

### 2.3.7 A aproximação da caverna secreta

Após o rompimento da Sociedade do Anel e a fuga de Frodo rumo ao leste para as terras de Mordor, acontece realmente o “caminho de provas”, cujo sentido Campbell explica: “tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas”. (2007, p. 102). No caso de Frodo, para sobreviver à sucessão de provas pelas quais irá passar, ele e Sam se encontram com Smeagol/Gollum.

Como Tolkien fala (2001, p. 633-643), era a terceira noite desde que haviam deixado a comitiva. Frodo e Sam, lutando para atravessar as terras da Emyr Muil, se achavam meio perdidos, quando acabam encontrando-se com Gollum, que os estava seguindo desde o início da jornada. Gollum os guia e ajuda na missão de chegar às terras de Mordor.

Segundo Vogler (2015, p. 210), quando os heróis que se aproximam da ‘caverna secreta’, devem estar cientes de que estão no território do xamã, numa linha de vida ou morte. Frodo, Sam e Gollum alcançam os Portões das Muralhas de Mordor e, ao chegar cada vez mais perto das terras do Senhor do Escuro, o nosso herói sentia-se cada vez mais cansado, mentalmente e fisicamente, pois “*a cada passo que dava na direção dos portões de Mordor, Frodo sentia o Anel na corrente em volta de seu pescoço ficar mais difícil de carregar*” (TOLKIEN, 2001, p. 662). Assim, eles deixam os pântanos e o deserto para trás e a viagem a Mordor estava terminada. Depois de observarem os guardas nas muralhas negras, Frodo e Sam decidem seguir um atalho para adentrá-las. Gollum os guia por esse atalho, as escadarias da Cidade dos Espectros. Nesse ponto da narrativa, Tolkien mostra que a cada passo que Frodo dava a frente “[...] o cansaço e algo mais que o cansaço o oprimiam. Parecia que um encantamento pesado tinha sido lançado sobre sua mente e seu corpo. – Preciso descansar – murmurou ele” (2001, p.

743).

### 2.3.8 Provação

Aproxima-se o clímax da jornada, quando o herói passa por sua maior provação, a qual, muitas vezes, pode ser um conflito interno. Esta geralmente inclui o sacrifício do herói e produz a ‘apoteose’. Sobre esse momento, Campbell diz:

“Tal como o próprio Buda, esse ser divino é um padrão da condição divina que o herói humano atinge quando ultrapassa os últimos terrores da ignorância. “Quando o envoltório da consciência tiver sido aniquilado, ele se torna livre de todo temor, além do alcance da mudança.” Eis o potencial libertador que se encontra dentro de todo nós, e que todos podem alcançar – através do heroísmo; pois, como lemos: “Todas as coisas são coisas de Buda” ou ainda (e esta é outra maneira de fazer a mesma afirmação): “Todos os seres são desprovidos de eu.” (2007, p. 145)

Como vemos, o herói necessita tornar-se livre internamente, precisa morrer para alcançar o ser divino dentro dele. No caso de Frodo, isso acontece quando Gollum decide levar os hobbits pelas escadarias de Cirith Ungol e, adentrando até o covil de Laracna, os abandona aos seus cuidados. Frodo e Sam são enganados, nosso herói acaba sendo “morto” por Laracna que “[...]com uma velocidade espantosa, e com um golpe certeiro lhe ferroara o pescoço. Agora ele jazia pálido, imóvel e sem nada ouvir.” (TOLKIEN, 2001, p. 770). Quanto a Sam, desferindo golpes ele expulsa a aranha gigantesca, usando ‘A benção Última’ que Frodo ganhara durante seu encontro com a deusa.

Discorrendo sobre a provação e a morte que ocorre nesse estágio, Vogler diz:

A provação em mitos significa a morte do ego. Nesse momento o herói é parte do cosmos, morto para a visão antiga e limitada das coisas e renascido para uma nova consciência de conexões. As antigas fronteiras do Eu são transcendidas ou aniquiladas. Em certo sentido, o herói transforma-se num deus com a capacidade divina de ultrapassar os limites normais da morte e enxergar a visão mais ampla da conectividade de todas as coisas. Os gregos chamavam este momento de APOTEOSE, um estágio acima do entusiasmo, em que se tem apenas o deus dentro de si. Em um estado de apoteose você é deus. Experimentar a morte permite que você se sente no trono de Deus por um instante. (2015, p. 235-236)

Ao ser ‘morto’ por Laracna, Frodo consegue um estado de Deus até renascer purificado com a morte de seu Ego. Sam, vendo o que ocorrera com seu amigo e amado mestre, toma-lhe o Um Anel e sai para terminar a missão, mas descobre por meio de alguns orcs<sup>6</sup> que Frodo não morrerá: “[...] *isso é tudo o que você sabe sobre a Nobre Senhora? Quando ela prende com cordas, está atrás de carne. Ela não come carne morta, nem chupa sangue frio. Esse sujeito não está morto!*” (TOLKIEN, 2001, p. 781). De fato, nosso herói não morreu totalmente, apenas passou pelo estágio de apoteose, para poder renascer como um ser mais próximo do divino.

### 2.3.9 Recompensa

Após passar pela morte que significa o estágio de ‘apoteose’, Frodo é levado por um grupo de orcs para a Torre de Cirith Ungol. É seguido por Sam que usa o Um Anel para ficar invisível, tentar entrar na torre e salvar seu mestre. Depois de enfrentar os orcs na torre, Sam encontra seu amigo: “*Frodo! Sr. Frodo, meu querido! – gritou Sam, com as lágrimas quase a cegá-lo. É Sam, eu cheguei – Sam ergueu o corpo do mestre, apertando-o contra o peito. Frodo abriu os olhos.*” (TOLKIEN, 2001, p. 963).

O estágio de ‘recompensa’ aqui consiste no fato de Frodo ter sobrevivido a tamanha provação, pois ele próprio teria que terminar a missão que lhe foi designada. Segundo Vogler:

Com o fim da crise da Provação, os heróis agora vivenciam as consequências de terem sobrevivido à morte. Com o dragão que morava na Caverna Secreta morto ou subjugado, eles empunham a espada da vitória e reclamam sua recompensa. O triunfo pode ser efêmero, mas por ora eles saboreiam seus prazeres. (2015, p. 239).

O empunhar a espada, na narrativa sob análise, manifesta-se através da sobrevivência de Frodo como descrito acima. Agora que passou pelo estado de “deus”, o herói retorna como um ser novo, pronto para continuar sua missão.

### 2.3.10 O caminho de volta

Nessa etapa, segundo Vogler (2015, p. 253), os heróis decidem através de uma escolha permanecer no mundo especial ou iniciar uma jornada de volta a sua terra natal.

---

<sup>6</sup>“Orcs são deturpações da forma “humana” vista em Elfos e Homens. Eles são (ou eram) atarracados, largos, de narizes achatados, de peles amarelentas, com bocas largas e olhos oblíquos” (TOLKIEN, 2006, p. 456).

Entretanto, o mundo especial o prende com seus encantos, a maioria dos heróis escolhe voltar e poucos escolhem ficar.

Sobre essa última alternativa, “a recusa do retorno”, quando o herói decide ficar, Campbell diz:

Terminada a busca do herói, por meio da penetração da fonte, ou por intermédio da graça de alguma personificação masculina ou feminina, humana ou animal, o aventureiro deve ainda retornar com o seu troféu transmutador da vida. O círculo completo, a norma do monomito, requer que o herói inicie agora o trabalho de trazer os símbolos da sabedoria, o Velocino de Ouro, ou a princesa adormecida, de volta ao reino humano, onde a bênção alcançada pode servir à renovação da comunidade, da nação, do planeta ou dos dez mil mundos. Mas essa reponsabilidade tem sido objeto de frequente recusa. Mesmo o Buda, após seu triunfo, duvidou da possibilidade de comunicar a mensagem de sua realização. Além disso, conta-se que houve santos que faleceram quando estavam no êxtase celeste. São igualmente numerosos os heróis que, segundo contam as fábulas, fixaram residência eterna na bendita ilha da sempre jovem Deusa do ser Imortal. (2007, p. 195)

Ao saírem da Torre de Cirith Ungol, Frodo e Sam caminham rumo à Montanha da Perdição para a destruição do Um Anel, no fogo do qual o mesmo fora forjado. Como já mencionado anteriormente, à medida que Frodo aproximava-se da montanha, sentia-se mais fraco, fisicamente e mentalmente, pois o Um Anel o estava consumindo por completo: “[...] *Para os hobbits, cada dia, cada milha, era mais amarga que o anterior, pois sua força diminuía e a terra se tornava mais maligna*” (TOLKIEN, 2001, p. 990). Ao entrar na Montanha da Perdição, Frodo já fraco de ambas as suas forças, não consegue mais segurar sua vontade e o Um Anel finalmente consegue o que tanto almejou durante a jornada: corromper o coração puro e bondoso do nosso herói, como narra Tolkien:

E lá bem distante, no momento em que Frodo colocou o Anel e o reivindicou para si mesmo, exatamente ali, na Sammath Naur, o próprio coração de seu reino, o poder de Barad-dûr sofreu um abalo, e a Torre tremeu dos alicerces até o topo orgulhoso e cruel. De repente o Senhor do Escuro percebeu a presença do hobbit, e seu Olho, penetrando todas as sombras, atravessou a planície na direção da porta que ele fizera; e a magnitude de sua própria loucura revelou-se a ele num clarão cegante, e todas as estratégias de seus inimigos foram finalmente desnudadas diante de seus olhos. Então sua ira incandesceu-se numa chama devoradora, mas seu medo ergueu-se como uma vasta fumaça para sufocá-lo. Pois ele sabia do perigo

mortal que estava correndo, e percebia o fio pelo qual estava agora pendurado seu destino. (TOLKIEN, 2001, p. 1002).

Ao fazer isso Frodo renegou o ‘caminho de volta’, tornando-se invisível para todos, inclusive para Sam e Sauron. Ele realiza, desse modo, a “fuga mágica” e os deuses, nada satisfeitos com o fato de ele ter reivindicado o Um Anel para si, enviam Smeagol/Gollum novamente ao seu caminho.

Explicando esse estágio, Campbell diz:

Se o herói obtiver, em seu triunfo, a benção da deusa ou do deus e for explicitamente encarregado de retornar ao mundo com algum elixir destinado à restauração da sociedade, o estágio final de sua aventura será apoiada por todos os poderes do seu patrono sobrenatural. Por outro lado, se o troféu tiver sido obtido com a oposição do seu guardião, ou se o desejo do herói no sentido de retornar para o mundo não tiver agradado aos deuses ou demônios, o último estágio do ciclo mitológico será uma viva, e com frequência cômica, perseguição. Essa fuga pode ser complicada por prodígios de obstrução e evasão mágicas. (2007, p. 198).

Tolkien (2001, p. 1003) narra que Gollum agarra Frodo e arranca seu dedo com uma mordida, o nosso herói despenca dentro do abismo no interior da Montanha da Perdição, à beira do qual Gollum dança feito louco, segurando o dedo com o Um Anel. Ao dar um passo muito largo, Gollum tropeça e cai da borda do abismo dentro do fogo vivo, no qual perece. Acontece assim uma intervenção dos deuses que enviaram Gollum para destruir o Um Anel e, portanto, finalizar a missão do herói.

Após isso, Sam agarra Frodo e o leva para fora, esperando a morte certa, pois, com a destruição do Anel, Mordor estava agora em ruínas, a terra acabando. É quando acontece o ‘Resgate com o Auxílio Externo’ que Campbell (2007, p. 206), nos apresenta da seguinte forma: o herói tem a chance de ser resgatado da aventura por meio de um auxílio externo. O mundo tem de recuperá-lo e encontrá-lo. Portanto se o herói não estiver à vontade para retornar, quem o perturbar sofrerá consequências, mas se o herói que foi chamado apenas estiver sendo atrasado, lhe será concedido um resgate e o aventureiro retornará.

Na narrativa sob análise, o resgate acontece quando Gandalf — juntamente com Gwaihir, O Senhor das Águias — resgata Frodo e Sam, como podemos ver no trecho a seguir: “... *Gwaihir os viu com seus olhos penetrantes, enquanto descia em meio ao forte vento, e desafiando o grande perigo dos céus fazia rondas no ar: dois pequenos vultos escuros abandonados, de mãos dadas...*” (TOLKIEN, 2001, p. 1008).

Tendo sido resgatados por Gwaihir, O Senhor das Águias e por Gandalf, agora transformado em Branco, após sua queda nas fendas de Moria, Frodo tem agora que fazer o percurso inverso da jornada. Nesse ponto, ocorre ‘a travessia pelo limiar de retorno’ que Campbell assim descreve:

Isso nos leva à crise final do percurso, para a qual toda a miraculosa excursão não passou de prelúdio – trata-se da paradoxal e supremamente difícil passagem do herói pelo limiar do retorno, que leva do reino místico à terra cotidiana. Seja resgatado com ajuda externa, orientado por forças internas ou carinhosamente conduzido pelas divindades orientadoras, o herói tem de penetrar outra vez, trazendo a bênção obtida, na atmosfera há muito esquecida na qual os homens, que não passam de frações, imaginam ser complementos. (2007, p. 213)

Ao terminar a missão, Frodo retorna para o Condado, seu lugar de origem e início da jornada e traz consigo o conhecimento adquirido durante a mesma, o ‘Elixir’, para ajudar o povo do Condado, conforme veremos mais adiante.

### **2.3.11 Ressureição**

Nesse estágio Vogler (2015, p. 279), esclarece-nos que a ressurreição é o exame final do nosso herói, uma chance de ele mostrar-nos o que aprendeu para seu povo, no caso do nosso herói, o Condado. Ao passar por todo percurso da volta, o hobbit encontra o Condado tomado por Saruman e Língua de Cobra que, depois de perderem seus domínios, foram para o mundo comum do herói para aterrorizar os moradores de lá. Esse acontecimento é explicado por Vogler, da seguinte forma: “os heróis precisam ser testados uma última vez para garantir que retiveram o aprendizado da Provação Suprema do Segundo Ato[...] Aprender uma lição num Mundo Especial é uma coisa; levar o conhecimento para casa como sabedoria aplicada é bem diferente” (2015, p. 265).

No caso de *O Senhor dos Anéis*, esse ato se dá assim: para salvar o Condado de Saruman e Língua de Cobra, Frodo põe em aplicação tudo o que ele tinha absorvido durante a jornada e, para tanto, conta com a ajuda de Sam, Merry e Pippin. Para Campbell, esse estágio se denomina o ‘Senhor de dois Mundos’ e ele o descreve da seguinte maneira:

“...a liberdade de ir e vir pela linha que divide os mundos, de passar da perspectiva da aparição no tempo para a perspectiva do profundo

causale vice-versa – que não contamina os princípios de uma com os da outra e, no entanto, permite à mente o conhecimento de uma delas em virtude do conhecimento da outra – é o talento do mestre” (2007, p. 225).

O conhecimento do nosso herói, depois de ter passado por toda sua jornada, lhe possibilita ser o ‘Senhor de Dois Mundos’, do mundo comum e do mundo especial. Tolkien revela isso através da fala de Frodo, quando este diz: “*não existe um retorno de verdade. Embora eu possa voltar, o Condado não será o mesmo, pois eu não serei o mesmo*” (2001, p. 1048). Por ter participado da jornada, o hobbit sabe que não é mais o mesmo, pois sofreu mudanças que agora o tornam o que ele é: um herói.

### 2.3.12 Liberdade para viver

No estágio final da jornada do herói, Frodo não sendo mais o mesmo e tendo sofrido uma enorme transformação física e mental, ganha o direito dos deuses de partir para a morada deles. Esse estágio de ‘Retorno com o Elixir’ é assim descrito por Vogler:

Depois de terem sobrevivido a todos as provações e à morte, os heróis voltam ao ponto de partida, vão para casa ou continuam a jornada. Porém, sempre prosseguem com a sensação de que estão começando uma vida nova, uma que será diferente para sempre por causa do caminho que acabaram de percorrer (2015, p. 283).

Ora, essa sensação descrita por Vogler resulta do fato de que o herói sente que não pertence apenas a um mundo, mas aos dois mundos.

Após transmitir o conhecimento para seu povo no Condado e assumir o cargo de prefeito substituto, como vemos na citação: “*por esse motivo Frodo concordou em ficar como seu Substituto, até que o Sr. Pealvo estivesse em forma outra vez*” (TOLKIEN, 2001, p. 1082), ajudando o seu povo a reestabelecer a ordem do mundo comum, Frodo ganha o direito de morar com os deuses, nas terras de Valinor.

Antes de fazer ‘o retorno do limiar’, foi concedido a Frodo o direito de embarcar no lugar de Arwen, filha de Elrond – Guardião do Limiar – que cedeu seu lugar para Frodo, dizendo: “*mas você irá no meu lugar, Portador do Anel*” (TOLKIEN, 2001, p. 1032). Assim nosso herói obtém o que Campbell chama de a ‘Liberdade para Viver’:

“Qual é, então, o significado de que se revestem a passagem e o retorno miraculosos? O campo de batalha simboliza o campo da vida, no qual toda criatura vive da morte de outra. Uma percepção de inevitável culpa que o viver envolve pode deixar o coração tão amargurado que, tal como Hamlet ou Arjuna, podemos nos recusar prosseguir [...] O alvo do mito consiste em dissipar a necessidade dessa ignorância diante da vida por intermédio de uma reconciliação entre consciência individual e vontade universal. E essa reconciliação é realizada através da percepção da verdadeira relação existente entre os passageiros fenômenos do tempo e a vida imperecível que vive e morre em todas as coisas.” (2007, p. 231-232).

No caso de Frodo, essa revelação consiste no fato de ele ter se sacrificado pelo seu povo e pelo mundo inteiro. O hobbit sabe que precisa partir, pois as consequências de ter adentrando no mundo especial ainda o perseguem e se continuar no seu mundo, morrerá. É que carregar o Um Anel o mudou completamente e o deixou ferido. Sua única “saída” seria partir: “*então Frodo beijou Merry e Pippin, e por último Sam; depois embarcou, as velas foram içadas, o vento soprou e lentamente o navio se afastou ao longo do estuário comprido e cinzento*” (TOLKIEN, 2001, p. 1091).

Optando por partir, Frodo ganha sua liberdade e decide prosseguir no mundo especial, completando o monomito e terminando a jornada do herói.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como proposta analisar como a personagem Frodo realiza os passos típicos da jornada do herói no romance de J. R. R. Tolkien *O Senhor dos Anéis*.

Feita a análise do monomito na narrativa sobre Frodo, percebe-se que ele segue quase todos os estágios descritos nas teorias de Campbell (2007) e Vogler (2015), completando, assim, o ciclo típico da Jornada do Herói.

Como em todas ou na grande maioria das histórias conhecidas pela humanidade e presentes em todas as culturas, essas figuras heroicas estão sempre representadas como seres capazes de realizar feitos únicos, os quais contribuem não só para o próprio crescimento pessoal, mas sobretudo para o progresso da comunidade em que vivem.

A despeito do ceticismo e do materialismo que vigoram na sociedade contemporânea, sobretudo no ocidente, todos ainda temos necessidade do herói, figura arquetípica cuja manifestação nos serve de modelo nos processos de superação e

crescimento pessoal, bem como para catalisar as esperanças e os ideais dos mais diversos povos e culturas.

## THE JOURNEY OF FRODO IN *THE LORD OF THE RINGS*: AN ARCHETYPICAL READING

### ABSTRACT

Heroic archetypes have been perpetuated in our culture since long before the culture of writing. This article uses this archetypal basis, through the theory of the hero's journey developed by Joseph Campbell (2007) and Christopher Vogler (2015). Seeking a greater understanding of the hero's conception we use Feijó (1984) and Kothe (1987), to analyze, through a bibliographical research, the journey of the character Frodo in the novel *The Lord of the Rings*.

**Keywords:** Tolkien. Archetype. Hero. Frodo.

### REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. (Trad.) Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2007.

FEIJÓ, Martin César. **O que é herói**. São Paulo: Brasiliense, 1984. Coleção Primeiros

KOTHE, F. R. **O Herói**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987. Série Princípios.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis**. (Trad.) Lenita Maria Rimoli Esteves, Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Hobbit**. (Trad.) Lenita Maria Rimoli Esteves, Almiro Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. **O Silmarillion**. 5ª Ed. (Trad.) Waldéa Barcellos. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

TOLKIEN, J. R. R.; CARPENTER, Humphrey (Org.); TOLKIEN, Christopher (Org.). **As Cartas de Tolkien**. Curitiba: Arte e Letra Editora, 2006.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores**. (Trad.) PetêRissatti. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

WHITE, Michael. **J. R. R. Tolkien, O Senhor da Fantasia**. (Trad.) Bruno Dorigatti. Rio de Janeiro: DarkSide, 2016.